

ENSINO DE LITERATURA: UMA PROBLEMÁTICA QUE ATRAVESSA TEMPOS, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS

Vinicius Ribeiro de Andrade

Resumo: O presente artigo pretende apresentar e discutir algumas das problemáticas que afligem a atual realidade do ensino de literatura no Brasil. Estruturas e modalidades de ensino claramente defasadas de um lado, uma expansão tecnológica e velocidade da informação que avançam sem precedentes no país e no mundo de outro, e uma somatória de problemáticas políticas, sociais e ideológicas são os imperativos que modelam o atual panorama do ensino brasileiro. Como aliar a tecnologia, as outras linguagens – cinema, televisão, internet, etc. –, ao ensino de literatura? É possível reverter essa situação e as possíveis soluções, talvez, podem tomar forma desde a mudança da postura e atitude do educador, até uma reestruturação do sistema de ensino e pesado enfoque em políticas que garantam que as instituições de ensino estejam – e possam sempre se manter – alinhadas à realidade e à atualidade dos principais sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem: aluno e professor.

Palavras-chave: tecnologia, ensino, literatura, linguagens.

INTRODUÇÃO E DISCUSSÃO DO PROBLEMA

Antes de iniciar a apresentação e discussão do problema, sigamos o raciocínio do Prof. Dr. João Cezar de Castro Rocha, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Eduerj), publicado no jornal *Folha de S. Paulo*:

Nas aulas que ministro de literatura comparada, sempre ocorre um ritual incômodo. No início de cada semestre, busco identificar o repertório de leitura dos alunos, a fim de estabelecer o diálogo intertextual que justifica a disciplina. Contudo o resultado da iniciativa é melancólico. Machado de Assis? Talvez tenham lido “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “Dom Casmurro” e uma magra seleção de contos. Guimarães Rosa? Sim, “ouviram” falar -afinal, o curso é breve; porém é interminável a travessia do sertão rosiano. Poetas? Quase todos fazem versos, mas poucos buscam a chave do poema. Na pós-graduação, o saldo é semelhante. O necessário viés da especialização transformou-se em vício. Formam-se doutores em crítica e teoria literária que não conseguem sustentar uma hora de conversa descontraída sobre autores de sua estima. Ou seja, aqueles cujas obras provocam um impacto considerável, mas sobre os quais não se escrevem dissertações, ensaios, resenhas: produtos que engordem o “currículum vitae”. Precisamente por isso, em primeiro lugar, alunos de letras precisam se familiarizar com a própria literatura. Sem dúvida, a reflexão teórica sobre o fenômeno literário é indispensável, mas se torna ociosa se não estiver associada à leitura dos textos. Em geral, a prática analítica e o ensino reduziram a literatura ao papel de confirmação de teorias. O futuro dos estudos literários encontra-se no retorno à literatura. Necessitamos recuperar sua dimensão antropológica. Na companhia de “Madame Bovary” também somos Emma Bovary. Riobaldo revela nossas dúvidas sobre o que se pode saber e o que jamais se descobrirá -ou apenas quando for muito tarde. Com o narrador de “A Hora da Estrela”, compartilhamos a angústia de

inventar pontes que permitam compreender o “outro”. Tal processo não supõe uma identificação banal, mas destaca a força da literatura como laboratório de experiências sobre os sentidos do humano e a riqueza da linguagem. Precisamos recuperar a experiência radical de descentramento à volta da biblioteca. Ou ao redor do quarto, nas memórias póstumas do texto que terminamos. Rimbaud traduziu a força desse gesto: “Eu é um outro” -definição precisa da experiência renovada a cada leitura. “Antropologia literária”, na formulação cortante de Wolfgang Iser. Precisamos, então, nas palavras de Hans Ulrich Gumbrecht, “recuperar os poderes da filologia”. Isto é, reaprender a ensinar o ofício da leitura de textos literários. Ofício ingrato: não importa o tempo de prática, nunca se sabe se a próxima análise será fecunda. Porém, como esclareceu Paul Valéry, “o prazer da leitura reside em sua dificuldade”. (ROCHA, J. C. C. Em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2811200409.htm>>. Acesso em: 05 de julho de 2013).

A problemática apresentada por João Cezar é real e cada vez mais presente. A escassez de leitura por parte dos alunos – com o agravante, aqui, de estarem estes alunos justamente em busca da especialização na literatura, ou mesmo no vasto campo que abrange a leitura – e da fragilidade com que estas já poucas leituras são preservadas, é motivo reflexões há tempos e tem tomado espaço de certa importância em tempos eminentemente tecnológicos.

A realidade, aqui apresentada em uma sala de aula de graduação, não se mostra diferente nos ensinamentos fundamental e médio. Aliás, a desmotivação à leitura e a incapacidade de demonstrar a importância da literatura para o aluno, durante o período que compreende a educação básica, sejam talvez o início de um encadeamento de práticas de ensino que culminarão na formação de um aluno do ensino superior que não lê – ou que, se lê, é apenas por obrigação.

De fato, a tecnologia e seu assombroso avanço faz com que a literatura pareça um ser pré-histórico, extinto. Um fóssil qualquer que teve um dia seu lugar na história e que agora merece – quando muito – um olhar curioso. Mas este é apenas um dos problemas. O ensino de literatura, hoje, constitui uma modalidade de ensino engessada pelo vestibular, que de alguma maneira justifica a presença dos estudos nesta área, mas também condiciona o conteúdo e a abordagem – tanto da instituição de ensino, quanto do educador. Acrescente-se aí uma estrutura educacional defasada, eminentemente tradicionalista, que, apesar de avanços em relação ao acesso, pouco ou nada mudou com o passar dos anos em relação às práticas e metodologias de ensino (SCHWARTZMAN, 2005).

Mas quais as principais deficiências que a combinação explicitada pode apresentar? Um pensamento que tem se tornado lugar comum, inclusive nos meios acadêmicos, é o de que a literatura tem concorrentes duros a enfrentar: a televisão, a música digital e a internet, por exemplo. Muito se tem especulado disso, sobre a sobrevalorização de uma perante a outra, da importância do cânone em detrimento de uma suposta puerilidade das mídias de massa e dos gêneros mais apetecíveis ao gosto popular. Porém, será mesmo que essa concorrência é travada entre essas formas distintas de expressão?

De certa maneira, sim. A televisão e o cinema, por exemplo, foram imensamente eficazes em anexar territórios antes dominados somente pela literatura. As adaptações, as personagens e suas tramas, todas foram apropriadas por estas novas mídias que acabaram por ceifar algumas veias que nutriam certo lugar de prestígio outrora mantido pela literatura. Tão bem sucedida fora essa apropriação que se perguntássemos aos jovens quantos deles já leram Shakespeare, a grande maioria responderia negativamente. Mas, se

ainda resolvessem ler *Romeu e Julieta*, não achariam grande novidade aquela trama, uma vez que o arquétipo shakespeariano do amor impossível permeia todas as temporadas da telenovela adolescente *Malhação*, além de muitas outras telenovelas brasileiras. Carlos Fuentes, ao discorrer sobre afirmação de que o romance havia morrido, levanta pontos importantes dessa apropriação da literatura por outros gêneros:

Os antigos territórios do romance tinham sido anexados pelo universo da comunicação imediata. A imaginação do mundo já não acompanhava o romancista. O entusiasmo, a curiosidade, tampouco. Há um século e meio, uma multidão se reunia nos cais de Nova York à espera da chegada da última parte do romance de Dickens *The Old Curiosity Shop*. Todos queriam saber se um dos seus personagens principais, a enojativa Little Nell, tinha morrido ou não. No nosso tempo, as multidões se desesperam por saber quem disparou contra J. R., o vilão da Série de televisão norte-americana Dallas. (FUENTES, 2007, p. 9-10, grifos do autor).

O mesmo se deu com o jornalismo, com o cinema e o rádio. A apropriação da literatura é inegável, porém não é o decreto de seu próprio fim. Se nos é permitido uma analogia, há muito que o homem desenvolveu a habilidade de produzir e manipular a energia elétrica para diversos fins, no entanto este não foi o fim do fogo. Por mais que possamos ter um fogão elétrico, o fogão a gás persiste. A princípio a analogia pode parecer boba, mas é eficaz na elucidação: a literatura, o livro, mesmo que “disputando” espaço com a televisão, a internet, o rádio, etc., sobrevive. Aquele livro que mais conhecemos, impresso, bonito e bem guardado na estante, pode sim um dia acabar. Mas só aquele tipo. Hoje em dia vemos uma profusão de livros digitais, os chamados *e-books*, que agradam àquelas que gostam de ler, mas não querem deixar de lado a possibilidade de fazê-lo em seus *tablets* e celulares de última geração. Ou seja: o fogão elétrico e o fogão a gás são capazes de produzir o mesmo fenômeno essencial à vida humana, o calor. E assim também o fazem as diversas formas em que se podem apresentar o livro: transmitir, conduzir a literatura.

E o que a escola tem a ver com isso? Tudo! A literatura, em sua essência, pode não ter mudado, mas mudaram-se seus suportes. O quadro negro e o livro didático, talvez, não sejam mais suficientes para a atividade de ensinar e aprender – ou, talvez, nunca tenham realmente sido. Além disso, devemos considerar a existência das outras mídias, mas não de maneira cerceadora e sim iluminadora. Muitos educadores e instituições de ensino insistem em abordagens que, simplesmente, excluem a televisão, o cinema e a internet como ferramentas a serem utilizadas no ensino de literatura. Ora, claro que deve-se diferenciá-los, afinal, são linguagem distintas, mas nunca abandonar as possibilidades de uso por conta de pensamentos baseados no senso comum, por exemplo aquele de que *se o aluno assistir a tal filme ele não lerá o livro*.

O espaço da sala de aula, a aula em si, deve ser atualizado para comportar essas novas realidades. O panorama atual de ensino, engessado pela instituição do vestibular como meta maior e pelos moldes tradicionalistas da escola, não dá conta de prover e promover as vias necessárias ao acesso que só a linguagem literária pode propiciar.

O problema apenas se agrava quando insistimos em encarar a existência simultânea dessas diferentes formas de expressão (televisão, música, cinema, quadrinhos, etc.) como concorrência. Ora, empresas concorrentes são aquelas que produzem o mesmo

tipo de produto e brigam para que o seu – e não o de outro – seja comprado. No caso da literatura, tanto a televisão, quanto o cinema e a internet produzem produtos diferentes. Por mais que a apropriação de uma pela outra seja possível e real, são formas de expressão distintas. Este tipo de pensamento, que trata a literatura como concorrente das mídias, talvez tenha parcela de responsabilidade quando um aluno deixa de ler uma obra porque pensa que, assistindo a uma adaptação de uma tal obra para o cinema, entrará em contato com o mesmo conteúdo, ou obterá o mesmo resultado. É preciso mostrar que a literatura, assim como outros meios de comunicação e transmissão de conhecimento, tem sua linguagem própria, seus próprios valores – estes são inerentes à ela e correspondem às especificidades que a tornam um gênero diferente dos demais. Compagnon, de maneira perspicaz, afirma que

Todas as formas de narração, que compreendem o filme e a história, falam-nos da vida humana. O romance o faz, entretanto, com mais atenção que a imagem móvel e mais eficácia que a anedota policial, pois seu instrumento penetrante é a língua, e ela deixa toda a sua liberdade para a experiência imaginária e para a deliberação moral, particularmente na solidão prolongada da leitura. Aí o tempo é meu. Sem dúvida posso suspender o desenrolar do filme, pará-lo em uma imagem, mas ele durará sempre uma hora e meia, ao passo que eu dito o ritmo de minha leitura e das aprovações e condenações que ela suscita em mim [...] A literatura não é a única, mas é mais atenta que a imagem e mais eficaz que o documento, e isso é suficiente para garantir seu valor perene. (COMPAGNON, 2009, p. 55)

Assim, para mais que reiterar um caráter único da literatura, é preciso deixar de alimentar este senso comum de que ela (a literatura) é substituível. Mas, voltando aos problemas que esse caráter de concorrência encerra, podemos também apontar outro: a tentativa de incutir um caráter utilitarista na literatura.

Ora, se persiste o engano que é possível apreender o que a literatura encerra através de outros meios que não a própria literatura, para que serviria então ela? Para nada, é claro. Quando encaramos a literatura e as mídias não como coisas distintas, ou seja, como se cada uma não tivesse nenhuma especificidade que as diferenciasse, abrimos espaço para esse tipo de especulação. Nesse sentido, a literatura realmente não serviria para nada – nem, ao menos, para a descontração e o entretenimento, papéis que são executados muito bem pela mídia televisiva e pela internet, por exemplo. A ressalva que, talvez, se possa fazer aqui é o caráter utilitarista que a literatura assume quando seu ensino é condicionado pelo vestibular. Neste sentido, ele serviria para algo: o ingresso nas universidades através do vestibular. Porém, esta utilidade é provisória, como mostra o relatório da imprensa oficial, *Retratos da Leitura no Brasil*, constatando:

Visto que, a não ser entre os entrevistados que fizeram ou fazem estudos universitários, a leitura decresce muito entre os adultos, podemos supor que a escola não tem formado leitores para a vida inteira, talvez por práticas pouco sedutoras e obrigatórias, das quais o não-estudante procura se livrar assim que ultrapassa os limites da escola [...] Tais dados explicam o fato de que apenas um número reduzido de usuários [de bibliotecas] (10%) vá à biblioteca por prazer e muito poucos (2%) aproveitem (ou tenham) outras atividades nesse espaço. (CUNHA, 2008, p. 56-57)

A literatura não é e nunca será capaz de produzir bens de consumo, ou aumentar o rendimento financeiro, garantir um ótimo salário – não diretamente. Ela não tem essa

utilidade, por isso não se pode atribuir a ela este sentido utilitarista. Ela também perdeu seu caráter formador, aquele que outrora era indispensável para a construção de um caráter ideal. Mas com certeza é capaz de enriquecer o denominador humano, iluminar novos horizontes. E é isto que deve ser transmitido ao aluno, o que garantirá que ele levará a leitura e a literatura para a vida toda.

Porém, isso não parece ser suficiente para enfrentar uma estrutura de sociedade moderna e tecnicista – e principalmente a educação técnica, que talvez encontre seu ápice nos momentos atuais da história do ensino brasileiro –, que busca amortizar os flagelos do homem através da garantia de um bem-estar pautado na facilitação da vida cotidiana. Não que isso seja um aspecto ruim da sociedade moderna, ele só não pode ser encarado como substitutivo daquele outro alheio à produção, aquele que pensa, que sente e que vive.

Haroldo de Campos tem uma opinião bastante acertada em relação a isso:

Talvez o erro básico seja o de se aceitar uma partilha entre o mundo da técnica e as humanidades, quando o mundo moderno mostra que não é assim; que há uma interpenetração cada vez maior. Só assim a técnica pode ser preservada do mero tecnologismo. A civilização técnica é extremamente importante na medida em que seja pensada no horizonte humanístico [...] Sou inteiramente a favor das inovações técnicas, mas acho indispensável que elas mergulhem fundamente no horizonte humanístico. (CAMPOS, 1992, p. 148-149).

Assim, podemos pensar que essa concorrência (em uma grande parte das vezes reproduzida e alimentada pelos próprios educadores), aliada à desatualização das metodologias de ensino adotadas no país, seria um dos fatores que geram toda essa problemática: o desinteresse dos alunos pela literatura, a inutilidade – para eles – da literatura. Desta forma, tal como nos diz Fábio Durão, em um artigo muito lúcido, “a literatura, hoje, não tem relevância nenhuma, não tem utilidade nenhuma, não pode esboçar nenhum tipo de resistência” (DURÃO, 2008), fazendo com que a importância da literatura justamente se estabeleça nessa inutilidade, em posicionar-se na contramão do utilitarismo, do tecnicismo, da automatização do ser humano na modernidade.

Portanto, o aluno que deixa de ler obras importantes, ou até mesmo que deixa de ler qualquer obra, acima de qualquer juízo de valor, é impulsionado por essa falsa concepção de que se pode chegar ao cerne do valor literário, sem utilizar-se do meio literário. Seria interessante uma postura, seja do educador, seja da instituição de ensino ou até mesmo do meio familiar, que procurasse diferenciar os gêneros. Ao professor seria essencial a utilização de filmes, HQ's e outros suportes, mas que o fizesse de maneira que aluno consiga buscar coisas diferentes e, principalmente, diferenciá-los no que toca a transmissão de valores específicos. Isso é possível, basta notarmos a infinidade de adaptações literárias que, em seus novos gêneros, se tornaram tão boas que adquiriram prestígio de maneira independente da obra original (GOMES, 2012) e (MIRANDA, 2008).

À escola caberia a adoção de um modelo de ensino que suportasse essas novas mediações a serem realizadas pelo professor. Neste sentido, e como exemplificação, não é apenas o ensino de literatura que sofre as consequências. O mesmo acontece com o ensino da gramática, por exemplo, que permanece calcado na metodologia da aprendizagem por repetição e na extensão da gramática normativa à língua falada. Luiz Percival Leme Britto, a esse respeito, diz:

Enfim, defendo [...] que o ensino de língua, inclusive no que diz respeito à reflexão metalinguística e aos conhecimentos da língua enquanto fenômeno, não se confunde com a apresentação formal de uma teoria gramatical nem se limita ao nível da frase, e que, considerando equivocada e ideológica a associação entre norma culta e escrita e a inexistência de uma modalidade superior unificadora das variedades faladas do português, não faz sentido insistir que o objetivo da escola é ensinar o chamado português padrão. O papel da escola deve ser o de garantir ao aluno o acesso à escrita e aos discursos que se organizam a partir dela. (BRITTO, 1997, p. 14)

Semelhante também se mostra a abordagem tradicionalmente utilizada no ensino de literatura, onde é priorizada a abordagem historiográfica em detrimento do texto literário, com um excesso de demarcação temporal e rotulação das chamadas *escolas literárias*, apresentando características supostamente padronizadas e relacionadas a cada uma delas, como se isso bastasse para que o aluno as identificasse, nomeasse e compreendesse-as. Isto não é dizer que esse tipo de abordagem não é importante, pelo contrário, é de suma importância, inclusive como ferramenta para inclusão e abertura de novos horizontes (GOMES, 2013), mas não deve ser utilizada como única e maior metodologia. Sabemos que os períodos e movimentos literários são muito mais complexos e estão diretamente ligados à realidade de sua época, e que esse tipo de abordagem mais empobrece o valor que o aluno pode apreender, do que enriquece o que se está a ensinar – fator que é acentuado pelo caráter de simples reprodução dos conteúdos apreendidos/ensinados que os vestibulares postulam, onde basta que o aluno seja capaz de resgatar uma série de itens vistas em algum momento de sua carreira escolar para que seja capaz de responder às perguntas do exame, sem que seja necessário refletir, ponderar – talvez, aqui, haja ainda alguma mudança ocorrendo, com o ENEM, por exemplo, e a reformulação de alguns vestibulares mais tradicionais (GATTI, 1987) e (CUNHA, 2000).

Pesquisas realizadas (ZINANI, 2002) comprovam que alunos de ensino médio apresentam dificuldades na aprendizagem de literatura pelo fato de que conteúdos, abordagens e métodos não atendem às suas expectativas e que existe um distanciamento entre as propostas de ensino e a realidade concreta dos sujeitos envolvidos (alunos e professores) no processo.

Apesar deste quadro, que parece deixar cada vez mais de lado a literatura e também a língua, suas potencialidades, é improvável que um dia o homem irá prescindir dela – com atenção especial à língua escrita. Seja pelo caráter historicista que adquiriu a sociedade moderna, seja pela simples necessidade de comunicação, a língua, que já era essencial para a comunicação, para a oralidade, tornou-se imprescindível também para o registro, seja ele técnico, histórico ou humano. Canclini aponta corretamente que “as telas de nosso século também trazem textos e não podemos pensar sua hegemonia como o triunfo das imagens sobre a leitura” (CANCLINI, 2008, p. 58) e os educadores e as instituições de ensino devem se aproveitar disto. A literatura, a televisão, o rádio, o cinema e principalmente a internet não deveriam travar uma relação de concorrência, mas sim de complementação com a literatura. As ferramentas disponíveis para tal “reversão”, no século XXI, são praticamente infindáveis. Os livros digitais são cada vez mais comuns e é inegável sua popularidade entre os jovens, assim como a literatura dita como de entretenimento.

CONCLUSÃO

É preciso estreitar estas relações e não mais alargá-las. Não podemos tratar a literatura como uma instituição e impregná-la de dogmas, tentar torná-la imutável, principalmente na sociedade dinâmica em que vivemos. O mundo, e as coisas do mundo, estão aí para serem mudadas – quem há algum tempo diria que as redes sociais, inegáveis instrumentos de alienação e massificação do lazer, seriam capazes de organizar revoltas sociais como as de Junho e Julho de 2013, no Brasil? É papel do educador e, mais ainda, dos educadores em formação iniciar essa mudança e garantir, ou reiterar, a relevância da literatura na vida do homem. É nosso papel, como educadores, provar que podemos sim ler um livro, assistir a um filme, acompanharmos uma série e navegarmos na internet e apreendermos coisas distintas em cada um destes atos.

Assim, uma metodologia de ensino de literatura que venha, ao menos parcialmente, atender às necessidades dos alunos e professores precisa, primeiramente, compreender o quadro a partir do qual estes sujeitos interpretam sentimentos, pensamentos e ações para poder contemplar os aspectos afetivo, cognitivo e social que a literatura pode propiciar. Esta metodologia deve levar em conta o espaço e o meio em que vivemos, e a escola que temos hoje já não mais faz parte deste tempo. Por que colocar tecnologia, tradição e modernidade uns contra os outros se podemos fazê-los unirem-se por um bem maior? Um bem incomensurável, o bem de uma geração a ser formada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITTO, L. P. A sombra do caos. Campinas: Mercado de Letras, 1997.
- CAMPOS, H. “Entrevista com Haroldo de Campos”. In: ROCCO, M. T. F. (Org.). *Literatura e ensino: uma problemática*. São Paulo: Rocco, 1992, p. 140-166.
- CANCLINI, N. G. Leitores, espectadores e internautas. São Paulo: Iluminárias, 2008. Disponível em: <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/itau_pdf/000726.pdf>. Acesso: 15 jul. 2014.
- COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CUNHA, Luiz Antonio. Ensino superior e universidade no Brasil. LOPES, E. M. T; FARIA, L. M; VEIGA, C. G. (Org.), v. 500, p. 151-204, 2000. Disponível em: < http://www.densf.xpg.com.br/ensino_superior_e_universidade_no_brasil.doc>. Acesso: 15 jul. 2014.
- CUNHA, M. A. “Acesso à leitura no Brasil”. In: *Retratos da Leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008, p. 49-70. Disponível em: <http://www.imprensaoficial.com.br/retratosdaleitura/rl1.pdf>. Acesso: 10 de jul. 2014.
- DURÃO, F. A. Sobre a relevância dos estudos literários hoje. Edição 02. São Carlos: Revista Linguagem, 2008. Disponível em: http://www.letas.ufscar.br/linguagem/edicao02/02e_fad.php. Acesso: 10 jul. 2014.
- FUENTES, C. *Geografia do Romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- GATTI, Bernadete A. Testes e avaliações do ensino no Brasil. *Educação e Seleção*, v. 16, 1987. Disponível em: < <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/es/artigos/125.pdf>>. Acesso: 15 jul. 2014.

- GOMES, C. M. Ensino de literatura: dos estudos de gênero à historiografia. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.22, 2013, p. 31-45. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/revista/2013/22/158/download>>. Acesso: 15 jul. 2014.
- GOMES, M. “Adaptações para HQs aproximam jovens de clássicos da literatura”. *Folha de S. Paulo*, Folha Online, 03 set. 2012. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folhateen/1147300-adaptacoes-para-hqs-aproximam-jovens-de-classicos-da-literatura.shtml>>. Acesso: 15 de jul. 2014.
- MIRANDA, D. “Obras clássicas da literatura viram histórias em quadrinhos: adaptação deve tornar as obras primas mais acessíveis ao público jovem”. *Correio 24 Horas*, Correio Online, 10 nov. 2008. Disponível em: < <http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/obras-classicas-da-literatura-viram-historias-em-quadrinhos/?cHash=e64bf6a9b2d9ee13d48752c90c5e545f>>. Acesso: 15 jul. 2014.
- SCHWARTZMAN, S. “Os desafios da educação no Brasil”. In: SCHWARTZMAN, S.; BROCK, C. (Orgs.). *Os desafios da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- ZINANI, C. J. A. Adolescência: leitura e realidade cultural. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1991. ZINANI, C.J.A. et al. Transformando o ensino de língua e literatura: análise da realidade e propostas metodológicas. Caxias do Sul, RS: Educs, 2002.